



## DISPOSITIVO- MULHER: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DA PROFESSORA MATERNAL<sup>1</sup>

*Eixo Temático 12 – Gênero e Profissionalização Docente:*

*Desafios do tempo presente.*

Juliana Farias Santos<sup>2</sup>  
Débora dos Reis Silva Backes<sup>3</sup>  
Dinamara Garcia Feldens<sup>4</sup>  
Camila Barreto Cavalcante<sup>5</sup>  
Charlene Pereira de Jesus<sup>6</sup>

### RESUMO

Apontar algumas considerações sobre como o dispositivo- mulher produziu a relação imbricada da professora enquanto “mãe” em sala de aula, foi o objetivo deste artigo. O referencial teórico trouxe contribuições de Michel Foucault (1979), Joan Scott (2021), Guacira Louro (1997), Andrea O'Reilly (2016), Elisabeth Badinter (1985), trazendo questões em torno do conceito de dispositivo, gênero, educação, maternidade e produção de subjetividades. Questionando: Como o dispositivo- mulher produziu a relação imbricada da professora enquanto “mãe” em sala de aula? Através de pesquisas bibliográficas apontou-se possibilidades de compreender as formas como esse dispositivo atuou nessa produção “maternal”, atrelando a mulher, a mãe e a profissão professora.

**Palavras-chave:** Educação, Subjetividades, Gênero, Maternidade, Magistério.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada e resultante do Projeto “Mulheres e Dispositivos de Assujeitamentos: da formação da educadora normalista às novas fabricações de corpos maternos no Instagram”, aprovado na Chamada CNPq/MCTI N° 10/2023 Universal 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe – SE, [juliana22fsantos1@gmail.com](mailto:juliana22fsantos1@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe – SE, [debsilvabac@gmail.com](mailto:debsilvabac@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora Orientadora, Doutorad em Educação Básica, Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe- SE, [dinag.feldens@gmail.com](mailto:dinag.feldens@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe – SE, [psicologa.camilabarreto@gmail.com](mailto:psicologa.camilabarreto@gmail.com);

<sup>6</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe – SE, [professoracharlene@hotmail.com](mailto:professoracharlene@hotmail.com)



## INTRODUÇÃO

A escola se tornou feminina, local de atuação das mulheres, exercendo a profissão de professora ou realizando atividades ligadas às áreas do cuidado ou práticas que as aproximem da maternidade. Diante do exposto, este artigo pretende apontar algumas considerações sobre como o dispositivo- mulher produziu a relação imbricada da professora, vista muitas vezes enquanto “mãe” em sala de aula.

A ideia de produzir este artigo surgiu de pesquisas mais abrangentes<sup>7</sup>, através das quais percebeu-se que o discurso de professoras que se sentiam “mães” dos seus alunos, era algo recorrente. A partir das referências abordadas nas pesquisas, nos deparamos com apontamentos que conectam a formação da professora e seu caráter “maternal”. Para isso, fizemos uma investigação sobre o conceito de dispositivo (Foucault, 2021), agregando o termo “mulher”- grafamos de “dispositivo- mulher”- entrelaçando os discursos sobre a maternidade e o ser professora.

O presente artigo se desdobrará na questão: Como o dispositivo- mulher, enquanto máquina de subjetivação, produziu a identidade da professora vista muitas vezes enquanto “mãe” em sala de aula?

## METODOLOGIA

Utilizamos para levantamento de informações a pesquisa bibliográfica. Para Fonseca (2002) esta pode ser desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos.

Para Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica coloca os pesquisadores em contato com a produção escrita sobre a temática estudada. Ressaltando a importância de investigar a veracidade das informações obtidas, as incoerências ou contradições que as obras possam apresentar. Assim, foi realizado um levantamento de fontes bibliográficas sinalizadas nas pesquisas mencionadas anteriormente.

Chegamos ao conceito de dispositivo em Michel Foucault (2021, 2022), livros e artigos científicos que discutiam as questões da maternidade, trazendo Andrea O’Reilly

---

<sup>7</sup>Projeto “Mulheres e Dispositivos de Assujeitamentos: da formação da educadora normalista às novas fabricações de corpos maternos no Instagram” e a Pesquisa de Dissertação de Juliana Farias, intitulada: Profemãe: A mulher em formação na Escola Normal Rui Barbosa (1911-1948).

(2016) e Elisabeth Badinter (1985), a feminização do magisterio em Guacira Louro (1997), além de Joan Scott (2021) com os estudos sobre gênero. Esses conceitos e termos foram de suma importância para a produção dessa escrita.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Abordando o conceito de dispositivo

O conceito de dispositivo (Foucault, 2022) ganhou destaque no livro *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, em que o dispositivo da sexualidade é apresentado. Foucault (2022) aborda que o dispositivo da sexualidade possui características próprias. Percebemos o quanto as figuras mulher-mãe-professora foram produzidas por técnicas e discursos que circulavam na sociedade.

No livro *Microfísica do Poder*, Foucault (2021) apresenta mais noções sobre o dispositivo

[...] um conjunto decididamente heterogêneo [...]. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. [...] permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretção desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.

Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2021, p. 364-365, grifos nossos).

Foucault (2021) aponta as três características do conceito de dispositivo: heterogenia, emergência e urgência. Enquanto conjunto heterogêneo, Foucault (2021) alerta que não apenas o que é dito (discursos) fazem parte deste conjunto, mas também aquilo que está alicerçado de alguma forma e nos remete a ideia de associação entre o não dito e o produzido pelo dispositivo.

Sobre a emergência, o autor sinaliza como o discurso pode aparecer (emergir), permitindo, ou não, o aparecimento mais conveniente, para legitimar ou para camuflar o que precisa permanecer oculto. Para Foucault (2021), os discursos podem ser modificados, reposicionados, ou extintos.



A respeito da urgência, o autor aborda que o dispositivo tem uma funcionalidade: conforme moldes, modelos e padrões históricos, o dispositivo forma corpos para atender as urgências que a história faz emergir. A rede de relações que possuem entre essas três características fazem com que o dispositivo seja mutável, conforme discursos de interesses e mostrando o que convém.

O dispositivo se configura como uma máquina de produção de subjetividades, para formar, formatar ou modificar aquilo que não se encaixa, produzindo outras formas de dispositivos formadores de novas/ outras subjetividades. Isso ocorre entre as relações de poder/saber e os processos de subjetivação.

Para organizar o termo dispositivo- mulher, trouxemos as contribuições do termo “Gênero”, que para a autora Joan Scott (2021) abriu um conjunto de questões para análises, sobre como e em que condições, diferentes papéis e funções haviam sido definidos para cada sexo. A autora aponta que o gênero é uma categoria útil de análise pois requer que historicizemos as formas como o sexo e a diferença sexual foram concebidos. Mobilizamos neste artigo algumas contribuições sobre o dispositivo-mulher, apontando seus diferentes papéis sociais, dando ênfase aos papéis de mãe e professora.

Para Guacira Louro (1997) a pretensão é entender o gênero como constituinte da identidade das pessoas, assim buscou-se entender o gênero como parte da composição das identidades: mulher, mãe e professora. A autora ainda acrescenta que temos identidades plurais, múltiplas, que transformam, mudam e até se contradizem.

Na escola, na família e em outras instituições, existem práticas de controle e de subjetivação. As diferentes instituições e práticas sociais são constituídas e constituintes pelos/dos gêneros. Louro (1997) sinaliza que locais e técnicas fabricam pessoas, produzindo modos de se comportar, controlando gestos, vigiando corpos, punindo para “corrigir”. Como a “mulher” foi produzida para desempenhar determinadas funções/papéis sociais?

### **Dispositivo-mulher mãe**

O discurso do Estado, da cultura dominante e o religioso sobre a maternidade, produzia a mãe zelosa, extirpando a visão deixada por Eva, realocando a mulher doce e gentil, através de Maria. Essa imagem materna foi construída a partir do século XVIII

Elisabeth Badinter (1985) afirma que o corpo feminino foi divulgado como voltado para procriação, quando a mulher foi associada à figura de Maria: amorosa, benevolente e maternal. No discurso bíblico, a mulher [Eva] levou a humanidade à destruição. Foi preciso refazer a imagem da mulher, emergindo um modelo ideal, puro e divino.

A maternidade foi construída como ideal máximo da “mulher”<sup>8</sup>, era um caminho para alcançar a plenitude e a realização da feminilidade, camuflando os sentidos de abnegação e sacrifícios, segundo Leite e Frota (2014). A maternidade foi valorizada por influência de discursos médicos, e os cuidados relativos a essa atividade passaram a ser exclusivos da mãe ou de outra mulher.

Andrea O’Reilly (2016) pontua que a naturalização do que chamam de “instintos maternos” de proteção e cuidado, não é uma condição da fêmea da espécie humana. Acrescenta que tal “instinto” é um chamado à mulher a se tornar mãe, pois de acordo com esses discursos, só através da maternidade a mulher encontraria a realização e satisfação.

Clímaco (2020) afirma que, para posicionar a mulher no lugar de (re) produtora da vida, foi necessária a combinação de vários saberes: religião, economia, medicina, filosofia, literatura, direito, criminologia e os saberes *psi* – psiquiatria, psicanálise, psicologia e pedagogia.

Ao ser capturada pelo dispositivo-mulher mãe, a mulher foi aprendendo a acumular funções em relação às suas crianças, de modo que sua vida foi atrelada a elas. Salientamos que somos conscientes que as experiências maternas são diversas. Trazemos aqui os discursos sobre modelos ocidentais de maternidade, com a intenção de criticá-los e colocá-los em questionamentos, problematizando-os.

Com as novas responsabilidades, foram sendo relegados a esta um novo status na família e na sociedade, porém, afastar-se de tais demandas trazia culpa, além de um sentimento de “anormalidade” (Moura e Araújo, 2004), visto que contrariava ao que se dizia de sua “natureza”, visto como desvio ou patologia, e deveria ser corrigido.

<sup>8</sup> Ressaltamos que quando trazemos a palavra “mulher” estaremos nos referindo ao modelo de mulher ocidental. Lembrando que este não é pronto e nem acabado, mas que por muitos séculos teve seu modelo de referência como um padrão a ser seguido



Muitos discursos produziram e validaram as identidades, estes regularam, normalizaram, instauraram saberes, produziram "verdades" (Louro, 1997), e em relação a mulher professora isso não se mostrou diferente. Por ser mulher, a professora teria “naturalmente” o “instinto materno”, capaz de cuidar e educar.

Louro (1997) sinaliza sobre as atividades relegadas à mulher: tarefas de caráter secundário, de apoio ou auxílio, com viés assistencial, ao cuidado ou à educação. Essas atribuições formuladas e validadas na história, efetivou o trabalho doméstico e atividades semelhantes, como sendo “trabalho de mulher”, ocultando a baixa remuneração desta atividade, já que esta atribuição era “naturalmente” feminina.

A educação para as mulheres passou a ser atribuída às suas possíveis funções sociais (dona de casa e mãe), já que disseram que estas tinham naturalmente o “dom” do carinho e do cuidado, quem sabe por isso, estas seriam mais indicadas para exercer ainda mais uma nova função: professora (FARIAS S., 2024, p. 38)

Houve uma rede de relações que associou as figuras: professora e mãe, consideradas como atribuições femininas. No Brasil as Escolas Normais tiveram papel significativo na produção da professora. Esses estabelecimentos surgiram como alternativa para a instrução feminina e também uma tentativa de suprir a necessidade de mão de obra. Ao colocar essas considerações, passaremos para as discussões sobre o dispositivo-mulher e a relação imbricada da professora enquanto “mãe” em sala de aula.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Trazendo a característica emergência, do conceito dispositivo, refletimos: como o discurso sobre a mulher-mãe- professora pode emergir de maneira tão interligada, que os mesmos podem ser vistos como conectados? Tal movimento permitiu aparecer o que era conveniente, legitimando e validando a figura da professora maternal. O mesmo discurso pode ter ocultado/camuflado uma série de outras questões.

Foucault (2021) aborda que o dispositivo atua como um tipo de jogo, em que mudanças ocorrem conforme os interesses, ou novos discursos surgem sobre o produzido. Relacionamos o dispositivo- mulher à figura da professora. Na educação brasileira, por exemplo, a figura de “mestre” era designada a homens. Com os avanços



da industrialização, eles se direcionaram para setores de maior rendimento econômico, possibilitando o que foi chamado de “feminização do magistério”.

Adentrando na terceira característica do dispositivo: atender uma urgência histórica. Era preciso ocupar os espaços das escolas, havia falta de mão de obra, assim foi emergindo a figura da professora e suas características: dócil, obediente, maternal, de boa índole, amável, respeitosa, honesta.

Segundo Louro (1997) a escola é um lugar de atuação de mulheres, e acrescenta que essa atividade é marcada pelo cuidado, vigilância e educação, tarefas ditas femininas. As relações e práticas escolares se aproximam das relações familiares, embasadas em afeto e confiança, apresentando semelhanças com a ação da mulher no lar.

A profissão de professora foi aceita como “trabalho de mulher”. Não vamos desconsiderar as relações perigosas de associar a profissão de professora ao exercício da maternidade. Tal associação camufla o aspecto da baixa remuneração da profissão, a desvalorização da atividade docente, já que se socialmente a mulher tem por “instinto” a ideia de cuidado, nada mais resta do que exercer esse “dom”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos pensar na produção do dispositivo-mulher como uma estrutura que demarca, normaliza, exclui e seleciona os locais construídos e validados para ela. Este dispositivo produziu a professora também para atender a urgência histórica: falta de mão de obra. Junto à Escola Normal, também ele produziu novas maneiras de atribuir sentidos a esta figura.

Os papéis sociais impostos para cada gênero, produziram subjetividades que alcançaram um movimento de formatação de corpos, que foram, ou não, aceitos como próprios do dispositivo. Na Educação Infantil, quantos professores do gênero masculinos existem? O dispositivo- mulher tem características para adicionar ou para excluir corpos.

A respeito do dispositivo- mulher, este artigo apontou algumas considerações sobre como o dispositivo- mulher produziu a relação imbricada da professora enquanto “mãe” em sala de aula, movimentando alguns questionamentos sobre o percurso da produção e criação da figura professora enquanto “mãe” em sala de aula, embasadas nos



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade



ideais de carinho e cuidado ligados a mulher, através dos discursos sobre maternidade e as armadilhas discursivas camufladas no não dito.

### REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CLÍMACO.J.C. Maternidades, matrifocalidades e a ética feminista do cuidado. **SOF Debates Feministas**, n.14, p. 1-32, nov. 2020.

FARIAS S., J. **PROFEMÃE**: A mulher em formação na Escola Normal Rui Barbosa (1911-1948). 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 14 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In. FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 363-406.

LEITE, Renata; FROTA, Ana Maria. O desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: uma compreensão fenomenológica. **Abordagem Gestáltica**. v. 20, n. 2, p. 151-160, jul./dez. 2014.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva Pós- Estruturalista. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOURA S. M. S. R. de; ARAÚJO, M. F.de. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia, ciência e profissão**. São Paulo: 2004, 24 (1), p. 44-55.

O'REILLY, A. **Matricentric feminism**: Theory, activism, and practice. Toronto: Demeter Press. 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SCOTT, J.W. Gênero: ainda é uma categoria útil de análise? **Albuquerque: revista de história**. Mato Grosso do Sul, vol. 13, n. 26, p.p. 177- 186, jul. - dez. de 2021.